

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE CEILÂNDIA – FCE
TERAPIA OCUPACIONAL
NÁDIA LUIZA GONÇALVES**

**IMPLICAÇÕES VIVENCIAS NO COTIDIANO DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE
RUA DO DISTRITO FEDERAL**

**Brasília
2014**

NÁDIA LUIZA GONÇALVES

**IMPLICAÇÕES VIVENCIAIS NO COTIDIANO DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE
RUA DO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia - Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientação: Prof^a Ma Josenaide Engracia dos Santos
Coorientação: Prof^o Pedro de Andrade Calil Jabur

Brasília

2014

NÁDIA LUIZA GONÇALVES

**IMPLICAÇÕES VIVENCIAIS NO COTIDIANO DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE
RUA DO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia - Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientação: Prof^a Ma Josenaide Engracia dos Santos
Coorientação: Prof^o Pedro de Andrade Calil Jabur

Aprovado em 03 de Julho de 2014.

Banca Examinadora

Prof Breitner Luiz Tavares
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia

Terapeuta Ocupacional Nadja Waleria Vilela Camara
Secretaria de Saúde do Distrito Federal – SES/DF

Prof Josenaide Engracia dos Santos
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus e minha mãe Maria Santíssima, pelo dom da vida, por toda benção em meus estudos e por estarem comigo a todo momento me protegendo e colocando pessoas tão queridas em meu caminho.

Aos meus pais, em especial à minha mãe, por todo amor e compreensão imensuráveis, por me ajudar a realizar os meus sonhos e por ser a grande responsável pela concretização dos meus estudos.

Aos meus irmãos e cunhadas Anderson e Cleidiane, Guilherme e Paulline e meus familiares por todo apoio e compreensão.

Aos meus queridos orientadores Josenaide e Pedro, pela paciência e por compartilhar seus maravilhosos ensinamentos durante esse trabalho que foi um dos mais especiais que fiz durante a minha graduação.

À minha amiga Ingra, que me auxilia no meu crescimento e acompanha todas as minhas conquistas. Às amigas especiais que conheci durante a graduação e quero levar por toda vida: Luna, Melina e Poliana, gratidão por cada momento que já vivemos. À Marianna que compartilhou comigo essa experiência de pesquisa incrível.

E a todos que me apoiaram e estiveram comigo nesse tempo deixando incentivo, carinho e ensinamentos, como parte da minha formação profissional e pessoal, de todo coração, minha eterna gratidão!

“A minha sorte se deve a minha desconfiança e cautela.

Quando acontece alguma coisa que não compreendo, afasto-me,

Como um lobo se afasta de um pedaço de ferro, desconfiando que é armadilha.

Só aceito as coisas depois que as interpreto ou lhes encontro um significado”.

C.K.

(01/01/2012)

Morador de rua há 20 anos.

RESUMO

Introdução: A situação de rua é um fenômeno social, político e econômico que decorre das desigualdades sociais advindas da marginalização pelo capitalismo. A população em situação de rua é um grupo heterogêneo com características eminentemente urbanas e normalmente vinculadas a trajetórias de exclusão social, comuns nas grandes cidades. **Objetivos:** Compreender como a pessoa em situação de rua constrói e organiza o seu cotidiano. Identificar os recursos para a realização das atividades de vida diária (AVDs) e atividades instrumentais da vida diária (AIVDs) no cotidiano da pessoa em situação de rua; Descrever os recursos para a realização das atividades instrumentais da vida diária (AIVDs) no cotidiano da pessoa em situação de rua. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa de cunho etnográfico realizada nas ruas de duas Regiões Administrativas do Distrito Federal, por meio de histórias de vida narradas por 4 sujeitos em situações de rua. **Análise dos resultados:** A pesquisa resultou na análise de 16 categorias de componentes considerados pertinentes no cotidiano de uma pessoa em situação de rua. **Discussões:** Apesar de todos os sujeitos terem em comum o fato de viver nas ruas, cada um possui sua singularidade e sua forma distinta de organizar seu cotidiano e vivenciar o seu processo de vida na rua. **Considerações:** Compreender as histórias de vida dos sujeitos envolvidos dá margem a uma série de interpretações, principalmente no que concerne aos sentidos sobre a rua. A Terapia Ocupacional pode contribuir na ressignificação de papéis e discussão sobre o cotidiano de acordo com o contexto e singularidade de cada sujeito.

Palavras – Chave: população em situação de rua, cotidiano, desigualdade social.

ABSTRACT

Introduction: the street situation is a social, political and economical phenomenon that comes from the social disparities caused by the ostracism triggered by capitalism. The population living in street situation is a heterogeneous group with highly urban characteristics and is usually attached to stories of social exclusion, common to big cities. **Objectives:** Understand how the individuals in street situation build and organize their daily routine; identify the necessary supplies to perform activities of daily living (ADLs) and instrumental activities of daily living (IADLs) on the routine of these individuals; describe the necessary supplies to perform instrumental activities of daily living (ADLs) on the routine of the individuals in street situation. **Methodology:** Qualitative research with ethnographic approach performed on the streets of two administrative regions of Distrito Federal, based on life stories narrated by four individuals living in street situation. **Result analysis:** the research resulted in the analysis of 16 categories of components considered relevant in the daily routine of the individuals in street situation. **Discussion:** Although all individuals have in common the fact that they all live on the streets, each one of them have their own particularities and their own distinctive way of organizing their daily lives and of dealing with the fact of living on the streets. **Considerations:** understanding the life stories of the individuals involved leaves some room for interpretation, specially regarding the meanings of the street. The occupational therapy can contribute on reframing roles and discussing the routines according to the context and particularities of each individual.

Key Words: population in street situation, daily routine, social disparities.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	12
2.1 Objetivo geral	12
2.2 Objetivos específicos	12
3 CONTEXTOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA	13
4 A CONSTRUÇÃO DE UM COTIDIANO	19
5 PERCURSO METODOLÓGICO	23
5.1 Histórias de Vida	23
5.2 Área de Pesquisa	26
5.3 Cenário e instrumentos de pesquisa	27
5.4 População Alvo	28
5.5 Aspectos Éticos	29
5.6 Análise de dados.....	30
6 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA	31
7 RESULTADOS: TRILHANDO CAMINHOS E ORGANIZANDO UM COTIDIANO 33	
7.1.1 Chegada à rua	33
7.1.2 Higiene	34
7.1.3 Alimentação	35
7.1.4 Necessidades fisiológicas	36
7.1.5 Dormir	36
7.1.6 Vestimentas; higiene das roupas	37
7.1.7 Organização dos objetos pessoais	38
7.1.8 Estudos.....	38
7.1.9 Trabalho.....	39
7.2 Lazer	40
7.2.2 Companheiro (a):	41
7.2.3 Serviços de saúde	41
7.2.4 Transporte	42

7.2.5Espiritual	43
7.2.6Relações	43
7.2.7Drogas	44
8 DISCUSSÃO: VIVENCIANDO O COTIDIANO NA RUA	45
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
10 REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE A: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	54
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	55
ANEXO: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	56

1 INTRODUÇÃO

A situação de rua é um fenômeno social, político e econômico que decorre das desigualdades sociais advindas da marginalização pelo capitalismo. Segundo Escorel (1999) que Frangella (2010) cita em seu estudo, as trajetórias vividas até a chegada da situação de rua passam por sucessivas experiências de “histórias de perdas”, pois seus vínculos familiares, profissões e relações sociais se tornam contextos passados, muitas das vezes esquecidos, ocorrendo mudanças de inserção a novos fatores marcados pela falta de proteção, de dignidade e de vínculos e luta permanente pela sobrevivência.

A sobrevivência passa pelo deslocamento nômade e sem planejamento pela busca ou expulsão de lugares e recursos em praças, viadutos e calçadas e estão à margem da normalidade imposta pela sociedade. Diante disso, suas histórias também se tornam adaptativas. A existência é baseada por ressignificações, pois sofrem a estigmatização social a ponto de terem pseudônimos e um passado apagado. Se tornar um morador de rua é uma experiência de cunho social, individual e corporal (FRANGELLA, 2010).

Cada sujeito deve construir sua própria história e seu próprio cotidiano, mas ele o faz baseado na vida política, produtiva e social, que impõem os padrões de vida centrados na maneira de se vestir, de alimentar, a necessidade de estar inserido no mercado formal de trabalho, a necessidade dos estudos e todas as questões que fazem parte da qualidade de vida, presentes nas relações sociais e que são imprescindíveis para compor o cotidiano.

Ao olharmos a pessoa em situação de rua, desprovida desses requisitos, observamos a dificuldade de construir seu próprio cotidiano, tendo um futuro improvável e bloqueado pelo capitalismo e pelo poder, condenando ao silêncio e a condição de vítima das circunstâncias que os rodeiam (MARTINS, 1998).

A sociabilidade do morador de rua é constituída de forma itinerante, uma vez que um morador de rua pode compartilhar o mesmo espaço e cotidiano com outros moradores de rua. Porém são relações frágeis, uma vez que todos buscam por

sobrevivência a fim de suprirem suas necessidades. Desta forma, muitos se tornam nômades e entram na criminalidade (FRANGELLA, 2010).

O morador de rua altera o espaço urbano e é alterado por ele. A exclusão social e sanitária projeta no morador de rua caráter miserável de poluidor, perigoso e criminoso. Estando distantes da saúde, a aparência e ausência de bens materiais os tornam opostos às projeções idealizadas pela sociedade. Tendo em vista a desigualdade social como fator predominante na sociedade, a população em situação de rua é discriminada pela sociedade tendo pouca atenção sobre seu cotidiano. Desta maneira, como essas pessoas organizam o seu cotidiano? O objetivo do trabalho é compreender de que forma essa população que está à margem da sociedade, constrói e organiza seu cotidiano através de histórias de vida narradas.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender como a pessoa em situação de rua organiza seu cotidiano.

2.2 Objetivos específicos

Identificar os recursos para a realização das atividades de vida diária (AVDs) e atividades instrumentais da vida diária (AIVDs) no cotidiano da pessoa em situação de rua.

Descrever os recursos para a realização das atividades instrumentais da vida diária (AIVDs) no cotidiano da pessoa em situação de rua.

3 CONTEXTOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

De acordo com o decreto n. 7.053 de 23 de Dezembro de 2009, a população em situação de rua se caracteriza por ser um grupo heterogêneo que vive em situação precária de pobreza extrema, tendo seus vínculos familiares rompidos e falta de moradia fixa, utilizando lugares públicos como praças, viadutos, calçadas, jardins ou serviços de acolhimento como espaço de sobrevivência permanente ou temporária (BRASIL, 2012).

Sobre a real definição do que seja população em situação de rua, Jabur (2013) destaca o estudo de Varanda e Adorno (2004) que apresenta a variabilidade de denominações pelas quais os próprios sujeitos se identificam, dentre elas, o termo “maloqueiro” é comum entre aqueles que dormem nas ruas, o termo “albergado” aos que se utilizam de albergues, o termo “treicheiro” aos trabalhadores que transitavam de uma cidade para outra ou de pequenas áreas agrícolas para outras. Os usuários de álcool são chamados de “bêbados”, “bebuns”, “alcoólatras”, os usuários de outras drogas são chamados de “nóia”, “noinha”. Outros termos como “mendigos” ou “pedintes” possuem grande força no imaginário social acerca dessa população. Essa variabilidade de denominações ainda se torna maior quando confrontadas com outras regiões do país através de gírias ou chamamentos (JABUR, 2013).

Ainda sobre a definição de população em situação de rua, existiram outros termos ao longo dos anos, como “sofredor de rua”, destacando situação de carência e fragilidade (CASTELVECCHI, 1985), ou ainda, depois da construção de categorias de trabalho, “catadores de papel”, “guardadores de carro”. O Censo dos Moradores de Rua da cidade de São Paulo (SAS/FIPE, 2000), adotou os termos “população de rua” e “população moradora de rua” referindo-se a todas as pessoas que pernoitam nos logradouros da cidade, albergues ou abrigos mantidos pelo poder público ou privado.

O que de fato caracteriza essa população é a rua, que se torna uma condição de pessoas em situação precária de pobreza extrema, onde sua existência social,

física e psíquica está limitada a processos de adaptações e luta por sobrevivência (JABUR, 2013).

A rua, referência dessa população, sendo um lugar transitório, espaço de vivências, trabalho e moradia, se torna uma condição marcada por pobreza extrema, impossibilidades, preconceito e rejeição, limitando os processos de adaptação e levando a ressignificações e novas trajetórias que norteiam suas vidas. A rua é o oposto da casa, que possui em seu espaço físico, ações fisiológicas, que representam segurança e conforto, diferente da rua, local de passagem que remete ao sujo e ao perigoso. Apesar disso, a rua apresenta diferentes formas, sentidos e vivências. Portanto, não se restringe apenas a “situação de rua” e sim, “situações de rua” (JABUR, 2013).

Alguns fatores ainda diferenciam as situações de rua, a exemplo: ficar na rua, circunstancialmente, como fator transitório e podendo ainda, apresentar vínculos familiares; estar na rua, recentemente, implicando nas rupturas familiares e novas formações ou não de vínculos no novo ambiente vivenciado; e ser da rua, permanentemente, criando sua identidade de morador de rua (ROSA et al., 2005).

De acordo com o estudo realizado por Jabur (2013), em levantamento bibliográfico elaborado por Mendes (2011), observa-se que grande parte das pesquisas sobre população em situação de rua se concentra nos últimos cinco anos, dentre eles: estudos enfatizando questões como desemprego, crise social provocada por crime organizado e tráfico de drogas, fatores estes, apresentados como justificativa para a existência de pessoas em situação de rua (JABUR, 2013).

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS), em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) realizou, durante o ano de 2007 e publicada em 2008, uma pesquisa nacional censitária e por amostragem da população em situação de rua, com o objetivo de construir um levantamento abrangente da realidade desta população em escala nacional. A pesquisa realizou-se em 71 municípios brasileiros e identificou em maiores de 18 anos, 31.922 pessoas em situação de rua e somando com os outros censos realizados, o número se aproxima de 50.000 pessoas (BRASIL, 2008).

A população adulta em situação de rua é predominantemente masculina, 82% e 69,5% das pessoas entrevistadas se encontram na faixa etária entre 25 e 54 anos de idade. Entre as mulheres existe uma concentração maior (52,2%) entre as faixas de 18 a 34 anos. Com relação à raça/etnia, 39,1% das pessoas em situação de rua se declararam pardas para 29,5% que se declararam brancos e 27,9% consideraram-se negros (BRASIL, 2008).

Os principais motivos pelos quais essas pessoas passaram a viver e morar na rua referem-se aos problemas de alcoolismo e/ou drogas (35,5); desemprego (29,8%) e desavenças com pai/mãe/irmãos (29,1%). Dos entrevistados no censo, 71,3% citaram pelo menos um desses três motivos, que muitas vezes podem estar relacionados (MDS, 2008). Motivos estes, que também levam a desvinculação do mercado de trabalho formal e ruptura de seus vínculos familiares, presentes nas histórias de vida (ALMEIDA et al., 2011).

Desse modo, surgem a estigmatização e o preconceito presentes na sociedade que visualiza com hostilidade a pessoa em situação de rua. Segundo Goffman (1963), o estigma é um tipo de relação entre o atributo e o estereótipo, ou seja, a imagem externa desses sujeitos é generalizada e discriminada pela impressão que ela representa. É comum observar nas grandes cidades, quando um morador de rua está dormindo nas ruas, as pessoas se afastam, por pré-conceberem que aquele indivíduo é um ser perigoso, ou que vai pedir esmolas ou ainda está mal cheiroso. São preconceitos surgidos por estarem opostos à aparência idealizada pelos espaços urbanos.

Frangella (2010) afirma que o corpo também delinea a trajetória da pessoa em situação de rua, uma vez que a aparência e saúde estão fora dos padrões considerados “normais” na sociedade, pela falta de bens materiais e condições sociais favoráveis. A marca mais evidente são os pés que trazem consigo além das marcas por onde passam, a sujeira e a distinção social. Outras características de imagem da pessoa em situação de rua citadas são as sacolas e mochilas onde carregam seus pertences e o papelão, como meio de proteção para o sono e frio.

Existem certos problemas clínicos associados às situações de rua. Os pés, por exemplo, podem apresentar infecções de diversas naturezas, em função das horas em pé, andando ou pela falta de um calçado fechado. Além disso, a pessoa

em situação de rua ainda pode apresentar infestações pelo corpo devido à falta de higiene. Outro problema existente é a tuberculose, apesar do Ministério da Saúde obter poucos dados a respeito dessa condição em pessoas em situação de rua; doenças sexualmente transmissíveis (DSTs, HIV e AIDS) também estão entre problemas clínicos encontrados, assim como a gravidez de alto risco, devido à ausência de pré-natal adequado; doenças crônicas como hipertensão, diabetes, doença pulmonar obstrutiva crônica, em virtude aos hábitos de vida, tabagismo e alimentação inadequada; álcool e drogas; e problemas bucais (BRASIL, 2012).

O adoecimento e o processo de cuidado frente a essa população também estão relacionados ao acesso nos serviços de saúde que apresenta grandes obstáculos. São questões como a própria organização dos serviços, a exigência por documentação, restrições no atendimento, e o preconceito. Frente a isso, torna-se necessária organização nos processos de trabalho referentes à saúde (JUNIOR, et al., 2010). Além disso, a vulnerabilidade e as questões psicossociais geradoras de sofrimentos físicos e emocionais completam as ações necessárias de atenção a essa população.

Tendo como base a atenção básica, que considera a singularidade do sujeito promovendo a atenção integral à saúde, a Política Nacional para a população em situação de rua sugere atendimento humanizado e universalizado, garantindo a possibilidade de atendimento no SUS e visando às necessidades de cada indivíduo, levando em consideração sua saúde física, mental e possibilidade de novas construções de vínculos, tendo em vista as vulnerabilidades vivenciadas por essa população (BRASIL, 2012).

Para a realização desta política, sugeriu-se, através da Política Nacional de Atenção Básica, a criação dos Consultórios na Rua (CnR), formados por equipes multiprofissionais que realizam suas atividades de forma itinerante e desenvolvem suas ações compartilhadas com os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Unidades Básicas de Saúde (UBS) e outros serviços de atenção à saúde, dependendo da necessidade de cada usuário (BRASIL, 2012).

As propostas de cuidado e socialização junto à população em situação de rua apresentam um considerável histórico. As igrejas fazem parte dessa história, na construção de pastorais como o “Povo da rua”, assim como as prefeituras que

começaram com os programas de atenção para as pessoas em situação de rua, até a criação do programa saúde da família. A partir disso, outras ações foram desenvolvidas até a implantação da Política Nacional para a população em situação de rua (BRASIL, 2012).

Outra estratégia elaborada foi o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (CENTRO POP), previsto no decreto n. 7053/2009 e na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Trata-se de uma unidade de referência de Média Complexidade de natureza pública e estatal devendo ofertar serviço especializado para a população em situação de rua. O CENTRO POP constitui-se de um espaço que oferece atendimento individual, familiar, espaço para socialização, banheiros com chuveiro para higienização, lavanderia com espaço para secagem de roupas, refeitórios, dentre outros. Oferece também, atendimento proporcionando vivências para o alcance da autonomia, estimulando ainda, a participação social (BRASIL, 2011).

Apesar dessas estratégias, ainda sim é possível observar, diante da pesquisa bibliográfica do referente trabalho, a grande dificuldade na criação de estratégias de re-socialização e integração da pessoa em situação de rua, e consideração como indivíduos de mesmos direitos como as pessoas dentro dos padrões instituídos e aceitos na sociedade. A pessoa em situação de rua, inserida no quadro de pobreza urbana do Brasil, faz parte da estigmatização daquele que é improdutivo e inútil.

Por isso, é possível levar em consideração que a desigualdade também está impressa na produtividade. O trabalho formal representa ao ser humano caráter de dignidade e formação de identidade pessoal, gerando subsistência e possibilitando a construção de relações sociais (MATTOS; FERREIRA, 2004). Grande parte da população em situação de rua está inserida no mercado informal de trabalho, como catadores de materiais recicláveis, flanelinhas, entre outros, considerados fora da ótica do trabalho. Dessa forma, esses indivíduos são considerados como “inúteis”, “preguiçosos” ou “vagabundos” nos moldes capitalistas. É possível observar que muitos se esforçam para a sobrevivência no mercado informal de trabalho, mas não há valor para a ideologia de trabalho que é imposta.

A pessoa em situação de rua, no que diz respeito à estrutura social, se depara com a impossibilidade de entrar no mercado formal de trabalho e mais ainda,

de pertencer a um meio social. Sofre a desestabilização de qualquer tipo de vínculo, família, moradia, emprego, habitações, seguindo a vida de forma aleatória. Sendo assim, a precariedade dessa situação abrange não só o lado econômico e social, mas também o psíquico e emocional, trazendo a instabilidade até mesmo da constituição de uma identidade (JABUR, 2013).

A vivência na rua, além de ser marcada pela ruptura de vínculos familiares e afetivos, também apresenta violência. A pessoa em situação de rua pode entrar na marginalização ou ainda, sofrer da violência que muitas das vezes acontece entre a própria população. Dessa forma, o processo adaptativo na rua varia entre querer estar no meio de outras pessoas da mesma situação e a partir disso formar novos vínculos, ou excluir-se pelo medo e repressão (BRASIL, 2012). A constituição de novos vínculos, mesmo que frágeis, se configuram de forma a viabilizar a sobrevivência física, afetiva e social (ALMEIDA, et al., 2011). São muitos os casos, dependendo da singularidade do sujeito e da sua história de vida.

Além da violência, que deixa a pessoa em situação de rua vulnerável a agressões físicas ou morais, existem outras especificidades que devem ser levadas em consideração. Sendo elas: a alimentação e água incertas, baixas condições de higiene; a privação do sono pelo desconforto e medo da violência; a privação de afeição, por transmitirem a imagem de perigo e nojo; as variações climáticas que também colocam a saúde em risco; o não buscar atendimento em serviços de saúde, quando trabalham no mercado informal ou por vergonha, e o autocuidado quase inexistente. Essas questões também demonstram a necessidade de reforçar o olhar na atenção à saúde (BRASIL, 2012).

Salientando a desigualdade social e a pobreza como parte da exclusão social, as trajetórias da pessoa em situação de rua passam por sucessivas rupturas e desvinculações. Dessa maneira, compreender suas histórias de vida, através da narrativa, pode levar a uma construção analítica da realidade.

4 A CONSTRUÇÃO DE UM COTIDIANO

Conforme pesquisa bibliográfica, o conceito de cotidiano abrange várias definições, segundo determinados autores e suas áreas de atuação científica. O cotidiano representa uma construção individual no meio social, habitado de forma particular de acordo com a realidade e contextos sociais vividos (SALLES; MATSUKURA, 2013). Para conceituar o cotidiano “deve ser levado em consideração o particular, o privado e a representação” (BENETTON, 2010).

Outra forma de observar o cotidiano é caracterizá-lo como um lugar de repetição da experiência vivida e também um espaço de transformação onde ocorrem as relações sociais. Já para a vida cotidiana como “o conjunto das atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares”, ou seja, “a vida cotidiana é a vida de todo homem” (HELLER, 2000 apud BENETTON, 2010).

A Terapia Ocupacional visualiza as atividades de vida diária (AVDs), que são atividades relacionadas ao cuidado pessoal, mobilidade e comunicação, e as atividades de vida prática (AVPs) ou instrumentais da vida diária (AIVDs), que são atividades de administração doméstica e capacidades para a vida em comunidade (FOTI, 2005), como parte do cotidiano do indivíduo. Atividades essas que possibilitam a participação no processo produtivo da sociedade e fazem parte da formação de se tornar quem ele é. Além disso, possibilita o reconhecimento de si e pelos outros, fazendo parte de sua história de vida. Nesse sentido, se encontram os interesses e potencialidades de cada um (SALLES; MATSUKURA, 2013).

Para a construção de um cotidiano, o ambiente em que o sujeito está inserido influencia nas possibilidades do fazer diário (SALLES; MATSUKURA, 2013). Alimentação, moradia, educação, saúde, transporte, trabalho, lazer e segurança, por exemplo, fazem parte da qualidade da vida cotidiana que busca satisfazer as necessidades de cada indivíduo, e através da história pessoal e conhecimento do ambiente, é possível a compreensão sobre os variados aspectos que dificultam na organização e reprodução de um cotidiano (DE CARLO; BARTALOTTI, 2001).

Entretanto, o cotidiano não representa apenas as atividades realizadas dentro da rotina e seus hábitos, mas também a forma que o sujeito olha para si, constrói

sua identidade e como organiza e participa da vida social. O sujeito se transforma à medida que o cotidiano também se transforma, pois a individualidade e a vida cotidiana estão inter-relacionadas dentro do contexto social (SALLES; MATSUKURA, 2013).

As atividades e ações presentes no cotidiano estão relacionadas às ocupações, que permitem ao indivíduo estar ativamente inserido em um contexto dentro da sociedade, interagindo com o ambiente e permitindo sua construção e transformação pessoal, individual e social (LIMA et al., 2013).

Observando então a construção de um cotidiano de acordo com o contexto social envolvido, incluindo as atividades de vida diária (AVDs), atividades instrumentais da vida diária (AIVDs), e as relações sociais presentes, entende-se que é preciso compreender a história de vida de cada sujeito, uma vez que cada indivíduo constrói e modifica seu cotidiano de forma individual. Sendo assim, entender o cotidiano não está apenas em reconhecer quais as atividades realizadas e de que forma as realizam, mas também a relação do fazer do sujeito com a sua história e a sociedade, compreendendo a realidade social vivida (GALHEIGO, 2003).

Ainda sobre a real definição de cotidiano e sua construção, seguindo a linha da tradução sociológica, Pais (2006) afirma que o cotidiano se insere no campo da rotina expressando continuidade ou repetições de ações diárias, estruturadas pelas ações sociais. Certeau (1980) faz referência ao cotidiano como algo construído através de saberes, hábitos, práticas sociais, estratégias, dispositivos e instituições. Sendo assim, o indivíduo se insere dentro deste lugar não de forma a construí-lo, ele simplesmente se insere conduzido pela sociedade (CHARTIER; HÉBRARD, 1998).

Após as revoluções tecnológicas, houve alteração do modo capitalista e consequentemente a internacionalização da globalização, formando um novo cenário mundial econômico. O cotidiano está presente na dinâmica entre os processos de globalização e localização, a partir do momento em que as políticas afetam este contexto (LEVIGARD; BARBOSA, 2010). Simmel (1967) apresenta o espaço urbano como lugar de relações surgidas a partir do comércio e do capital, trazendo a lógica da modernidade ajustada na individualidade.

Através disso é possível observar que a sociedade capitalista juntamente com a cultura idealizada para a vida social impõe os padrões de vida centrados na maneira de se vestir, de alimentar, a necessidade de estar inserido no mercado formal de trabalho, a necessidade dos estudos e todas as questões que fazem parte da qualidade de vida presentes nas relações sociais e que parecem ser imprescindíveis para compor o cotidiano.

A sociedade dispõe de bens culturais e materiais, dentre eles estão inseridos religião, política, crenças, ideias e valores, colocando o homem sob o domínio da natureza e de si próprio, ou seja, o seu cotidiano e vida cotidiana estão sempre em conflito com o próprio ser humano, pois estão seguindo de acordo com o movimento que a sociedade propõe, e a partir daí há um conflito de saber como o homem vive e aparenta ser, do que ele de fato é (LEFEBVRE, 1958). A consciência individual se opõe à consciência pública e por isso surge a alienação de construir um cotidiano baseado nas ideologias sociais (LACOMBE, 2007).

Seguindo esse pensamento, os consumidores “dominados” pelo sistema capitalista aceitam as imposições sociais para viverem dentro dessa sociedade. Assim sendo, a desigualdade permanece sempre a mesma. Os silenciados, fracos e fora do padrão social imposto, devem aceitar a política dos mais fortes (FILHO, 2002). Dessa forma, o cotidiano como espaço social e lugar de experiência vai propor ao ser humano a utilização de máscaras na significação de papéis e na relação com as coisas e com outras pessoas, tecendo, então, um cotidiano que nem sempre é como ele realmente deseja (LEFEBVRE, 1958 apud LACOMBE, 2007).

Apesar disso, o cotidiano pode não estar apenas no consumo destes aspectos, mas também nas escolhas que levam a ressignificação ou a acomodação de seus interesses. O espaço social não deve ser observado apenas como espaço comercial, mas também como morada, espaço de construção de identidade e relações sociais (CUNEGATTO, 2009).

O indivíduo pode criar resistência ao controle social, buscando meios para fugir dos modelos de consumo impostos pela ordem dominante e, desta forma, estará inventando seu cotidiano, trazendo possibilidade de transformá-lo, baseado nas práticas das atividades diárias e também nas relações e trajetórias. É o cotidiano do movimento fundamentado nas transformações de acordo com situações

vividas (CERTEAU, 1994). Situações essas, que constroem a sua subjetividade no campo dos valores, crenças, conflitos individuais e coletivos como forma de acomodação ou tomada de consciência (LEVIGARD; BARBOSA, 2010). Percebe-se então um cotidiano baseado nas maneiras individuais de transformação e relações vividas e não apenas como criação e imposição da sociedade.

A cotidianidade acontece nas dinâmicas sociais, na manipulação das coisas e nos papéis que são assumidos pelo indivíduo ao longo da vida. Esses papéis também são assumidos de forma coletiva à medida que o indivíduo é inserido nas participações sociais e na vida em sociedade. Mesmo assim, seu cotidiano deve ser formulado de acordo com as singularidades, ou seja, através de suas ações, necessidades, particularidades psíquicas e de sua realidade externa (GALHEIGO, 2003).

Compreender o cotidiano implica em observar minuciosamente as questões sociais da forma que realmente são e as interferências da sociedade, e não apenas como aparentam ser. A vida cotidiana permite conhecer a própria sociedade e de como ela influencia na produção de sentido na construção do cotidiano dos sujeitos. Para tanto, é necessário observar o sujeito em sua totalidade, seu ambiente e suas representações.

Baseando-se nesse entendimento, ao olharmos as pessoas em situações de rua, desprovidas dos requisitos de imposição da sociedade, observa-se a dificuldade de construir um cotidiano padronizado, tecendo então um futuro improvável e inibido pelo capitalismo e pelo poder, sendo movidos ao silêncio e a condição precária das situações que os cercam.

É a partir dessa linha de pensamento, que a pesquisa apresentada pretende compreender de que forma essa população constrói, modifica e representa seu cotidiano, inseridos em seus diversos contextos e diante de tantas limitações comandadas pela desigualdade social.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

5.1 Histórias de Vida

Pessoas que vivem ou viveram na rua, também são consideradas “sem-abrigo”, expressão estabelecida pela ETHOS (Tipologia Europeia sobre Sem-abrigo e Exclusão Habitacional), utilizada para conceituar indivíduos que se encontram em condições precárias na vida habitacional, afetiva, profissional, financeira e condições precárias de saúde (SILVA, 2007). As narrativas biográficas dos “sem-abrigos” se constituem em relatos de trajetórias de perdas: perda do trabalho, perda da moradia, perda de vínculos, uso do álcool e drogas. A possibilidade de se ouvir estas narrativas biográficas leva à tentativa de analisar as histórias de perdas e como elas se constituem dentro da biografia social dos indivíduos em situação de rua, e também analisar suas histórias de ganhos, construções e reconstruções na rua (JABUR, 2013).

A história de vida é uma narração acerca de si próprio, onde é possível reviver eventos recordados entrelaçados aos sentimentos, emoções e ações associados. A utilização da história de vida como método de investigação é utilizada como técnica de recolhimento de dados (JABUR, 2013). “A história de vida faz parte de uma tradição que procura dar conta das influências socioculturais naquilo que o indivíduo é e faz, inserindo-se na linha das metodologias qualitativas de investigação social” (BRANDÃO, 2007, p.83).

Nesta investigação biográfica, cabe ao investigador exercer dois papéis, sendo um de observador em público, e o de participante em privado, juntamente com o entrevistado. O quadro emocional do narrador deve ser levado em consideração, uma vez que ele estará recordando e ao mesmo tempo, revivendo sua trajetória. Portanto, não deve ser uma narrativa exaustiva e desinteressada e sim, um momento de afeto e partilha.

“Cada pessoa sem-abrigo tem sua história pessoal, com interesses específicos, formas de sobrevivência distintas, relacionamentos díspares, motivações para ficar ou sair da rua diferentes” (SILVA, 2007, p. 72). Dessa forma, é

importante para o investigador um conhecimento prévio e proximidade com indivíduo ao qual pretende entrevistar, aos quais devem estar disponíveis e ilustrar com clareza a situação vivida, estando dentro dos objetivos da investigação.

As histórias de vida utilizadas como instrumento metodológico, possibilitam a identificação dos momentos marcantes da vida, dos ambientes sociais e de que forma compreendem o percurso vivido, ou seja, são contadas de forma subjetiva, conforme a individualidade e particularidade das experiências vividas pelo sujeito ao qual se entrevista. Porém, mesmo que a experiência individual seja singular, ela também traduz uma experiência social e coletiva, uma vez que “estudar o social individualizado é estudar a realidade social na sua forma incorporada, interiorizada, permitindo compreender como é que a realidade exterior, através da experiência socializadora se faz corpo” (BRANDÃO, 2007, p.87). Ou seja, mesmo que cada indivíduo tenha a sua subjetividade, ele está presente dentro de um contexto social que influencia na sua individualidade e identidade.

A constituição de uma identidade é marcada por uma dualidade entre a identidade para si e identidade para o outro, que são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de uma maneira paradoxal (JABUR, 2013). A identidade pessoal passa pela construção social, através das representações sociais, políticas, religiosas, culturais, de valores e gêneros, estabelecendo sistemas de classificação social.

“Ter uma identidade, ser alguém, implica não só em ter uma história, mas também ser capaz de dar conta dessa história” (BRANDÃO, p. 90-91). As histórias de vida permitem a compreensão de como aquele determinado indivíduo constitui sua verdade, como partilha e como sua subjetividade se liga a um contexto.

“A identidade é uma estabilização temporária, uma forma provisória de organizar o Eu e o ambiente” (BRANDÃO, p.109), ou seja, a identidade mesmo que seja individual, depende do ambiente externo e todas as questões que o norteiam. Sendo assim, “a história de vida se constrói sob a influência da sua época e de seus recursos – modelos de identificação, sistemas de classificação social” (BRANDÃO, p.109).

As narrativas podem se constituir em dificuldade de expressão quando relacionada aos impactos sociais e estigmas relacionados à situação vivida. Para

facilitar a aproximação com sua história de vida, pode-se pedir que o entrevistado se autodenomine com um pseudônimo, ou como prefere ser chamado e considerado na sociedade.

Na análise das histórias, é importante o intercruzamento de outras histórias e fatores externos relacionados (espaço social, relações, gêneros, etc.), pois isso pode possibilitar esclarecimentos subentendidos e comparações com outras situações. Na compreensão das histórias de vida deve-se levar em consideração a situação em que foi contada, a articulação do entrevistador, e expressão e interpretação das experiências individualizadas, a conexão com outras experiências dentro da mesma situação e o olhar de quem está de fora da situação (KOFES, 1994).

Pensar em trajetórias de vida é, de certa maneira, estabelecer uma forma de analisar e registrar uma espécie de percurso do indivíduo, nos mais diversos contextos sociais e como essa trajetória é a história de formação de uma identidade tanto individual como coletiva (JABUR, 2013).

Há dois modos de expressão humana na discussão das experiências compartilhadas. O privado, no interno, no afetivo, na intimidade, nas relações sociais; e o público, na impessoalidade, anulando a intimidade do privado. Diferenciar essas duas oposições é entender a situação dos sujeitos sociais, suas ações e interações (KOFES, 1994).

Portanto, é possível observar em cada história de vida as influências da classificação social e as circunstâncias que norteiam os sujeitos, bem como a forma como pensam e situam em seus contextos e de como enfrentam sua existência. Desta forma, é através das histórias de vida narradas que este trabalho se norteará como forma de recolhimento de dados e interpretação das trajetórias dos sujeitos alvo da pesquisa em questão.

5.2 Área de Pesquisa

A presente pesquisa foi baseada no método qualitativo, que segundo Creswell (2007, p. 35):

É aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com objetivo de desenvolver uma teoria ou padrão) (...) ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade.

O método qualitativo de acordo com Minayo (2012) é um método composto por experiência, vivência, senso comum e ação. Do ponto de vista do investigador, é necessário compreender e interpretar, tendo a capacidade de colocar-se no lugar do outro, levando em consideração a subjetividade e singularidade do indivíduo. Para colocar a ação em prática baseado no estudo qualitativo, o investigador deve dirigir-se informalmente ao cenário da pesquisa sem pretensões formais, disposto a questionar teoria e hipóteses sobre o cenário e objeto da pesquisa.

Uma das bases filosóficas da pesquisa qualitativa utilizada no presente estudo é a pesquisa etnográfica, que segundo Creswell (2007, p. 37).

O pesquisador tenta estabelecer o significado de um fenômeno a partir do ponto de vista dos participantes, isso implica identificar um grupo que compartilha cultura e estudar como ele desenvolveu padrões compartilhados de conhecimento com o passar do tempo.

De acordo com Moreira e Caleffe (2006) a etnografia acessa as experiências, os comportamentos, e as interações para compreender a dinâmica do grupo estudado, envolvendo um período de observação para ver, ouvir e registrar os eventos a partir da descrição, análise e interpretação dos dados (SILVA, et.al, 2010).

5.3 Cenário e instrumentos de pesquisa

A pesquisa teve como cenário a própria rua, local onde os sujeitos da pesquisa dormem, trabalham, se alimentam e se relacionam, ou seja, local onde constroem e vivenciam seu cotidiano. Segundo Nasser (2011) a rua é o local das situações diversas, das situações limites das opressões, das construções e rompimentos do cotidiano desses sujeitos (NASSER, 2011).

Optamos por delimitar o território entre Taguatinga, mais precisamente na Praça o Relógio e suas proximidades, local movimentado e de grande concentração de pessoas em situação de rua, e Asa Norte, local onde também há grande concentração de população em situação de rua. Além disso, são duas Regiões Administrativas do Distrito Federal com aparente diferença socioeconômica, sendo possível observar e relacionar as vivências na rua de acordo com cada local.

A coleta de dados por meio das histórias de vida narradas se deu por meio de um gravador digital, para que a conversa fosse registrada e posterior transcrição e análise, sendo que cada gravação foi consentida pelo sujeito entrevistado. Todas as entrevistas ocorreram entre segunda-feira e sexta-feira de Janeiro à Fevereiro de 2014 e no período entre 10h e 16h, horário em que foi possível encontrá-los acordados e em atividade. Para a coleta das informações e narração das histórias de vida, foi utilizada uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE A).

O diário de campo foi uma ferramenta que possibilitou os registros de observação e experiências durante a pesquisa, auxiliando na discussão e inclusão de mais informações. Segundo Silva (2007) “O diário de campo é uma ferramenta de registro que auxilia na compreensão do trabalho exercido”. Portanto, através do diário de campo é possível registrar as percepções pessoais das situações vividas durante a investigação sobre as pessoas envolvidas e as relações construídas no trajeto.

5.4 População Alvo

Foram entrevistadas pessoas em situação de rua, sendo 2 mulheres e 2 homens na faixa etária acima de 30 anos, pois como mostra a pesquisa censitária realizada em 2010 no DF (2011), é a faixa etária mais predominante entre aqueles que estão há mais tempo em situação de rua. Além disso, a construção do cotidiano entre indivíduos adultos em situação de rua e crianças e adolescentes necessitam de construções metodológicas com perspectivas diferentes.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa onde não é relevante a quantidade, acreditamos que essas entrevistas foram suficientes para alcançar os objetivos propostos.

Para a realização da pesquisa foram tomadas algumas precauções quanto ao não constrangimento dos sujeitos entrevistados de forma que as entrevistas pudessem ser realizadas como uma conversa informal e compartilhamento do dia-a-dia de cada um. Para tanto, foram combinados encontros com esses sujeitos que através das histórias de vidas narradas, pudéssemos ter uma discussão final sobre a importância da vida cotidiana e as diferentes vivências e contextos dessas pessoas inseridas na pesquisa.

Nomearemos os sujeitos de ROSA, mulher de 50 anos, moradora de rua há 5 anos por dificuldades financeiras e localização atual em Taguatinga; GIRASSOL, homem de 40 anos, morador de rua há 20 anos por opção e localização atual na Asa Norte; MARGARIDA, moradora de rua pelo uso do crack e localização atual em Taguatinga; e LÍRIO homem de 39 anos, morador de rua há 10 anos, desde a saída da prisão e localização atual em Taguatinga.

5.5 Aspectos Éticos

O presente estudo faz parte do projeto: “Vinculações: trajetórias e biografias entre indivíduos em situação de rua”, de responsabilidade de Pedro de Andrade Calil Jabur, professor adjunto da Universidade de Brasília. O projeto de pesquisa referente foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília, em 10/07/2013, sob protocolo nº. 330.731.

Obedecendo as normas e diretrizes que regulamentam a pesquisa que envolve seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 466 de 12 de Dezembro de 2012, esta pesquisa se compromete a atender às exigências éticas e científicas fundamentais estabelecidas e a tratar os sujeitos envolvidos em sua dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade. As participações dos sujeitos foram voluntárias e tiveram como critério a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B).

As entrevistas realizadas asseguraram: a confidencialidade das informações geradas, a privacidade dos sujeitos da pesquisa preservada, proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e das instituições, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos aos envolvidos.

5.6 Análise de dados

Totalizou-se 3 horas de gravação das entrevistas. Como forma de interpretação do material, foi utilizada a análise e interpretação da entrevista narrativa proposto por Schütze. Esse método visa a reconstrução dos eventos e dos processos biográficos do narrador. De acordo com Appel (2005) e Weller (2008) a análise é sistematizada em seis pontos:

1. Transcrição detalhada das gravações (e registros de questões surgidas após a gravação do depoimento).
2. Análise formal do texto ou diferenciação do tipo de texto: identificação do tipo de texto (narração, descrição e argumentação), como o texto autobiográfico foi produzido e em qual atividade social está inserido/imerso, como o entrevistador e informante entenderam o acordo sobre o tipo de entrevista, onde e como outros esquemas comunicativos além da narração e como o material foi editado.
3. Descrição sequencial da estrutura: análise detalhada e em sequência de cada segmento da narração central, dos acontecimentos e experiências apresentados e suas relações com estruturas processuais biográficas e coletivas, bem como em termos de outros elementos que podem tornar visíveis esquemas de ação e trajetórias ou processos de sofrimento.
4. Abstração analítica: análise que abrange a formação biográfica geral (reconstrução dos processos estruturais, sua sucessão e modos de vinculação); a reconstrução das teorias biográficas do narrador; e a distinção entre as características específicas da biografia do entrevistado e aquelas gerais (que podem ser encontradas em outros casos).
5. Comparação contrastiva: verificação da significação geral dos conhecimentos resultantes dos estudos de caso singulares.
6. Construção de um modelo teórico: com base em procedimentos da teoria fundamentada aplicados à análise minuciosa das entrevistas, o pesquisador finalmente procura elaborar modelos teóricos mais gerais acerca da trajetória biográfica de indivíduos oriundos de certos grupos ou contextos sociais.

6 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa, algumas dificuldades surgiram. Dentre elas, o enfrentamento e a coragem de criar os vínculos necessários para que a conversa face a face se tornasse possível; a recusa de conceder entrevista por parte de alguns sujeitos; e a rotatividade nos locais de pesquisa, que impediram reencontros para outras entrevistas.

Outra observação importante é de como a sociedade enxerga a pessoa em situação de rua. Durante a pesquisa, que ocorreu em locais de grande movimentação e fluxo de pessoas, tentamos estabelecer a maior proximidade possível para que o entrevistado se sentisse mais confortável para narrar sua história de vida. Sendo assim, tentamos vivenciar seu cotidiano, estando junto a eles em seus papelões, ou acompanhando sua rotina de trabalho, características da pesquisa etnográfica. As pessoas que passavam próximas ao local, em sua grande maioria, demonstravam reações de estranhamento à situação, visto que é incomum pessoas dedicarem seu tempo a dar atenção à essa população.

O material recolhido com os 4 sujeitos de pesquisa só foi possível pela colaboração de ambas as partes, entrevistador e entrevistado e todos os momentos compartilhados e as histórias ouvidas não tiveram relevância apenas na concretização desse trabalho, mas também foi de grande crescimento pessoal.

Tivemos todo cuidado para não desrespeitá-los ou colocá-los em qualquer tipo de situação de constrangimento. Tentamos também não insistir em questões que não estariam confortáveis a responder e, portanto, estabelecendo uma conversa informal.

É comum que os sujeitos em situação de rua criem pseudônimos quando possuem seu passado apagado ou até mesmo há situações em que esquecem o próprio nome. Os sujeitos da pesquisa não possuem pseudônimos, mas para preservar sua identidade e confidencialidade, optamos por nomeá-los com nomes de flores, visto que as flores são a representação da natureza e remontam a esperança, mas quando retirada de seu habitat natural, perdem o frescor e rapidamente murçam, representando certa inconstância. Assim é o contexto da vida na rua, inconstante, pois os sujeitos estão sempre em mudança e busca por novos caminhos na luta pela sobrevivência.

Durante a entrevista com a MARGARIDA, um parceiro de rua participou da conversa, contribuindo com muitas questões relevantes para a discussão dessa pesquisa. Assim, o nomearemos de CRAVO, e suas respostas estarão juntas com as respostas de MARGARIDA, visto que compartilharam juntos muitas falas durante a nossa conversa.

Serão apresentadas a seguir todas as respostas produzidas e analisadas, de acordo com cada item estabelecido e alguns trechos de falas considerados relevantes.

7 RESULTADOS: TRILHANDO CAMINHOS E ORGANIZANDO UM COTIDIANO

O cotidiano é algo que vai além de uma mera vivência sensorial, é um objeto de pensamento e uma construção, constituindo-se em um solo repleto de sentido. Tendo em vista as atividades de vida diária (AVDs) e as atividades instrumentais da vida diária (AIVDs) como componentes do cotidiano da Terapia Ocupacional, optamos por separar em categorias, as atividades mais comuns de uma rotina cotidiana e de ações realizadas dentro da comunidade, que consideramos pertinentes dentro do contexto da situação de rua. Desta forma foi possível também analisar, comparar e compreender o cotidiano de todos os sujeitos envolvidos.

Algumas respostas não foram dadas, seja pelo desenrolar da conversa que não chegou a determinado ponto, e na próxima entrevista o sujeito não foi mais encontrado, ou por recusa de resposta. Mesmo assim, é possível observar de forma geral, como é construído um cotidiano dentro do contexto da rua.

7.1.1 Chegada à rua

GIRASSOL: Saiu de casa em Cascavel (Paraná) aos 20 anos por desentendimento com os pais e separação da esposa. Passou por Uberlândia (Minas Gerais) e chegou a Brasília por ter sofrido um espancamento no trajeto Uberlândia-Uberaba em que seguia a pé. Foi encaminhado ao Hospital de Base em Brasília e decidiu ficar até os dias de hoje.

“Eu resolvi ir a pé de Uberlândia até Uberaba, só que no meio do caminho me bateram e roubaram minhas coisas. Tive complicação no pulmão e fui encaminhado pro Hospital de Base aqui em Brasília. Foi assim que cheguei aqui e estou até hoje. Já fazem 7 anos. E tem 20 anos que moro na rua”.

ROSA: Tem família na Bahia, separou-se do marido e está em Brasília para tentar aposentar. Alega estar na rua por falta de dinheiro e por não ter onde ficar.

“Aqui é mais fácil de aposentar. Tem advogado ‘adoidado’ (...) mas o que eu conheço não quis pegar a causa não”.

LÍRIO: Levou uma facada de um ex-colega e revidou com um assassinado. Foi preso em flagrante por 5 anos e 8 meses, e quando saiu da prisão foi morar direto na rua.

MARGARIDA: Foi para a rua por causa do uso do crack.

7.1.2Higiene

GIRASSOL: Enche galões de água no posto de gasolina próximo a 303 Norte e se lava atrás de árvores à noite com sabonete próprio comprado pelo mesmo.

ROSA: Uma ou duas vezes na semana paga o valor de R\$5,00 para a dona de um quiosque, que empresta uma mangueira e um sabão de barra para se lavar por 5 minutos ou enche uma garrafa de água no posto de gasolina ao lado e se lava em um canto isolado.

LÍRIO: Enche 2 garrafas de água em um posto de gasolina em Taguatinga e leva para sua barraca em um matagal próximo ao local de trabalho e se lava à noite, com sabonete próprio comprado por ele. Consegue tomar banho todos os dias à noite.

MARGARIDA: Se lava escondido algumas vezes ao mês na pia do banheiro público de uma Praça em Taguatinga, apenas com água e um copo (se algum guarda da praça vir, proíbe por ser local público e de grande acesso).

“É uma humilhação, eles pagam sapo. Tem um Hotel ali que cobra R\$15,00 para tomar um banho, aí não dá né? Tem que ser no copo mesmo e escondido”.

7.1.3Alimentação

GIRASSOL: Cozinha sua própria comida a noite em um fogão construído por ele mesmo, com uma latinha de alumínio e uma grade de forno (encontrada no lixo). Ele acende o fogo dentro da latinha com álcool e fósforo, coloca a grade e a panela por cima e cozinha com a mesma água que pega no posto.

Durante o dia, se estiver trabalhando, compra uma marmita na avenida W3 Norte pelo valor de R\$10,00. Não aceita ganhar alimento dos outros por achar que tem a capacidade de trabalhar e ter seu próprio sustento.

“Eu não gosto de ganhar nada de ninguém, porque eu posso trabalhar. Uma senhora ficou brava comigo porque eu não quis ganhar uma marmita dela todo dia. Não quis porque eu posso trabalhar pra comprar. Pensa só, se eu fico dependente dela e um dia ela não puder mais me ajudar. O que eu vou comer? Então se posso trabalhar e comprar eu mesmo, eu prefiro. Na rua só é vagabundo se quiser, porque se não quiser, tem como trabalhar”.

ROSA: Ganha por quase toda manhã leite, café e biscoitos e é assim que alimenta durante quase todo o dia. Na hora do almoço, compra uma marmita no quiosque próximo pelo valor de R\$5,00.

LÍRIO: Durante o dia almoça e faz um lanche na feira onde trabalha como vigilante de carros. À noite, faz sua própria comida em um fogão à lenha improvisado pelo mesmo. Pega 2 garrafas de água no posto de gasolina para cozinhar.

“Cozinho comida nordestina, lá da Bahia, mas também faço arroz, feijão, macarrão”.

MARGARIDA: Almoça e janta o que sobra de um restaurante próximo à praça onde mora ou ganha sopa das “pastorais da sopa” de igrejas.

“Fome aqui não passa não!”

7.1.4 Necessidades fisiológicas

GIRASSOL: Faz suas necessidades fisiológicas no banheiro de uma igreja próximo a 303 Norte ou em lugares escondidos.

“Tem uma igreja lá perto da 303 norte, um dia o padre me contratou pra trabalhar lá no jardim. Eu disse que trabalhava, mas que eu não queria ir para a igreja. Ele disse que não tinha problema, daí fui, fiz o serviço e agora eles me deixam ir lá pra usar o banheiro na hora que eu quiser. Se não, faço na rua, onde der”.

ROSA: Faz suas necessidades fisiológicas no banheiro de um shopping próximo ou atrás de carros.

LÍRIO: Durante o dia faz suas necessidades fisiológicas na feira e à noite no matagal onde mora.

MARGARIDA: Faz suas necessidades fisiológicas no banheiro público da praça onde mora.

7.1.5 Dormir

GIRASSOL: Construiu uma barraca que fica guardada em cima de uma bicicleta que apelidou de “casa-caminhão”. Durante a noite, arma a barraca sendo que a bicicleta fica por baixo, dormindo ao lado dele. Possui uma manta.

“Não tem lugar pra dormir. Todo dia durmo em um lugar diferente. Não gosto de ficar sempre no mesmo lugar, os outros moradores de rua acham que tenho dinheiro então prefiro cada dia dormir em um lugar pra eles não saberem onde fico sempre”.

ROSA: Não dorme a noite porque tem medo. Durante o dia dorme em cima de um papelão na calçada próximo ao Shopping. Possui um cobertor que foi doação e tem uma caixa ao lado da cabeça para proteger do vento e da chuva.

LÍRIO: Tem uma barraca no matagal onde mora. Possui um colchão e um cobertor.

“Tá ruim de cobertor, tá meio velho”.

MARGARIDA: Possui apenas um papelão onde dorme durante o dia, embaixo de uma árvore na praça.

“Durante o dia a gente dorme, mas a noite a gente não dorme porque temos medo de ‘neguim’ matar ‘nóis’. A noite é tenebroso”.

CRAVO: *“O problema da rua é só a hora de dormir porque tipo assim, você tem que dormir com um olho no padre e outro na missa. Tem muitos ‘neguim’ covarde, muitos ‘neguim’ traíra..’nóis’ tipo assim, quase não dorme, só passamos a noite acordado. Durante o dia é bom porque têm muitos comerciantes aí, não tem problema, só dormimos a noite se a gente estiver ‘chapado’, bêbado, porque aí já não tá aguentando nada mesmo”.*

7.1.6 Vestimentas; higiene das roupas

GIRASSOL: Com a mesma água que pega nos galões, coloca as roupas de molho dentro de um dos galões e pendura em uma árvore para secar, sempre que estão sujas. Possui uma muda de roupas, adquiridas por ele mesmo.

ROSA: Não lava roupas. Possui uma mala pequena com algumas mudas e usa até o limite e espera ganhar outras.

LÍRIO: Lava as roupas em um córrego perto de onde mora, no matagal.

MARGARIDA: Possui apenas a roupa do corpo, aparentemente suja e rasgada. Mas a usa até que recebe outra de doação.

“Se tirar a roupa aqui vai lavar onde? E outra, se deixar roupa aqui e der as costas vem ‘neguim’ e rouba, tem que ter só a do corpo mesmo”.

7.1.7 Organização dos objetos pessoais

GIRASSOL: *“Todas as minhas coisas estão na minha bicicleta. É minha ‘casa/caminhão’.* (Mostra que na parte de trás tem uma caixa onde ficam as roupas e a barraca para dormir. Ao lado tem uma tela amarrada, que quando solta, vira uma escrivaninha, cheia de canetas, réguas, papéis, lápis, desenhos e um caderno de poesia que ele mesmo escreve. Ao lado ficam penduradas as ferramentas de jardinagem. Na frente, tem outra caixa onde ficam as comidas. Tem uma caixa para cada coisa, pro café, macarrão e arroz. E tudo feito por ele mesmo. Nessa caixa também tem uma tela amarrada que quando solta, vira uma mesa para o fogão).

“Eu que fiz tudo só com lixo que encontro e aproveito. E fui eu quem desenhou os adesivos colados nela. Só tem um adesivo que coleí que não é desenho meu”.

ROSA: O papelão fica aberto no chão para se deitar. A caixa montada para espantar o frio e chuva fica virada para ela, onde guarda os mantimentos que ganha. A mala de roupas serve como um travesseiro e o cobertor fica dobrado embaixo dos pés durante o dia.

LÍRIO: Guarda seus pertences dentro da barraca onde dorme.

MARGARIDA: Possui apenas o papelão que usa para sentar e se deitar.

7.1.8 Estudos

GIRASSOL: Estudou até 7ª série.

ROSA: Estou até a 8ª série.

7.1.9 Trabalho

GIRASSOL: Trabalha como jardineiro. Faz enfeites de cata-vento, miniaturas de bicicletas e gnomos, tudo com material reciclável. Possui pás para cavar as terras. Ganha aproximadamente R\$1.200 para um serviço de 20 dias.

“Eu sou jardineiro. Mas trabalho quando quero. Eles me contratam e me dão um prazo. Por exemplo, eu tenho 20 dias para terminar esse jardim, então venho aqui e faço o tanto que eu quero, na hora que eu quero. Foi o síndico do prédio quem me contratou”.

ROSA: Não trabalha porque afirma que não aguenta e tem preguiça. O último emprego foi de diarista em casas de família. Hoje diz que sonha em ter dinheiro sem precisar trabalhar. Ganha R\$87,00 por mês de bolsa família do governo.

“Trabalhei em uma empresa de conservação e limpeza. Saí porque o salário era baixo. Agora não dou conta de trabalhar mais não, porque não aguento”.

LÍRIO: Trabalha de vigilante de carros no estacionamento de uma feira em Taguatinga de 6h às 20h. Afirma que consegue comprar tudo que precisa para suprir suas necessidades e consegue enviar R\$300,00 de pensão para os dois filhos na Bahia.

MARGARIDA: Vende latinhas, lava e vigia carros e pede ajuda nas ruas, mas afirma que o dinheiro que ganha vai todo para o crack.

“O crack quando você usa, o dinheiro vai todinho pra ele. Tudo! A gente quase não trabalha porque a gente que usa essas coisas assim (referindo-se às drogas) quase não tem a oportunidade de ser vista”.

CRAVO: *“Eu de vez em quando vou pra casa, tenho filho, tenho pai, trabalho e sou pintor, mas não dou conta de ficar em casa, tenho que ir pra rua, não dou conta por causa da droga”.*

7.2 Lazer

GIRASSOL: Tem o vício em leitura e gosta de escrever e desenhar.

“Eu gosto de ler. As pessoas querem me dar livros, mas eu não guardo não porque pesa na minha bicicleta. Eu pego nas paradas da W3, leio e depois coloco lá de volta. Ou se ganho, faço a mesma coisa. Leio e depois deixo lá. Eu também escrevo poesia. Tudo sobre o que eu vivo na rua. Quando eu passo por alguma coisa, algum preconceito ou dificuldade, vem a inspiração e daí escrevo”.

Diz que gostaria de escrever um livro.

“Político escreve livro, ex-presidiário escreve livro. Mas um morador de rua nunca escreveu um livro!”

Também gosta de desenhar.

“Eu gosto de desenhar. Mas meus desenhos também são diferentes, também são exceção da regra. Teve uma menina que disse que meus desenhos são em 3D porque tem esse efeito de parecer sair do papel. E tem gente que compra, mas não coloco preço não. É o preço que a pessoa quiser pagar. Se me der R\$1,00 já está bom”.

ROSA: Gosta de ler, mas não o faz mais porque afirma ter problema nas vistas. Hoje em dia não gosta de fazer nada. Antigamente gostava de fazer tricô. Não o faz porque não tem mais ânimo.

“Não gosto de fazer nada porque cansei de tudo”.

LÍRIO: Gosta de visitar uma amiga no “Varjão”, (mãe de um presidiário que conheceu quando estava preso) nos finais de semana. Visita um colega advogado em Alexânia. Lá ele joga futebol e toma banho de piscina. E é apenas isso que considera lazer.

MARGARIDA: Afirma que a única coisa que a diverte é o uso do crack.

7.2.2 Companheiro (a):

GIRASSOL: Nunca mais teve um relacionamento com uma mulher desde a separação da esposa.

“Tinha uma moça que chegou da estrutural, ela era bem bonitinha e carnuda sabe, mas depois ela entrou pro crack agora está feia e magrela, envolvida com drogas. Aí fica difícil porque pra arrumar alguém também tem que ser moradora de rua, porque se não, não arrumo. Mas quando encontro é sempre assim, tudo usuária. Então não quero, prefiro ficar sozinho”.

ROSA: Desde o marido nunca mais teve relacionamento com outro homem e afirma não ter mais vontade.

LÍRIO: Afirma ser apaixonado por uma mulher que o deixou, e não pensa em outras.

“Ela é a mulher da minha vida, por uma discussão só ela jurou que não queria me ver mais e nunca mais vi ela. (...) O amor é quando você gosta de verdade e não esquece nunca”.

MARGARIDA: Afirma que nos momentos de vontade, tem relação sexual com outros moradores de rua em “mocós” escondidos.

“Tem que ser à noite e tem que dar um jeitinho pra namorar né? Mas a gente dá um jeito, nos ‘mocó”.

7.2.3 Serviços de saúde

GIRASSOL: Utiliza sempre os postos de saúde e faz exames regulares. Afirma não ter problemas de saúde.

ROSA: Não utiliza os serviços de saúde, porque afirma ter preguiça de se deslocar. Não sabe se possui algum problema de saúde além de problema nas vistas. Já foi internada no Hospital São Vicente de Paula (HSVP) em Taguatinga, mas foi

desligada no período em que foi visitar a família na Bahia. Afirma que não gostava do local.

“O ambiente não era bom, é melhor ficar na rua (...) lá era preso, aqui tem liberdade”.

LÍRIO: Utiliza os serviços sempre que necessário. Foi esfaqueado e atendido em Hospital Público. Afirma não ter problemas de saúde atualmente.

MARGARIDA: Não utiliza serviços de saúde. Diz que o único problema é o vício nas drogas, mas não tem vontade de ir para uma clínica de reabilitação porque supõe que os usuários sejam obrigados a trabalhar.

“Clínica não serve porque é trabalho escravo, eles vão colocar a gente pra trabalhar de graça”.

7.2.4 Transporte

GIRASSOL: Utiliza apenas a bicicleta, para ir ao trabalho, comprar a marmita, pegar os livros e ir aos serviços de saúde.

“Tudo que faço é nela. Não uso outro transporte de jeito nenhum. Se precisar ir no hospital fazer algum exame é nela, se é pra trabalhar, ir no mercado.. tudo é na minha bicicleta. Ela é minha ‘Casa/caminhão’, assim que a chamo”.

ROSA: Não usa transporte público e nenhum outro meio de transporte. Busca suprir as necessidades nos locais próximos de onde mora.

LÍRIO: Utiliza ônibus apenas para ir visitar os “*camaradas*” no Varjão e em Alexânia.

MARGARIDA: Não utiliza nenhum tipo de transporte público.

7.2.5Espiritual

GIRASSOL: Acredita em Deus, mas não possui religião e nem vontade de ter.

“Religião eu não tenho não e nem vontade de ter. Mas ainda acredito em Deus, ainda!”

ROSA: Acredita em Deus, mas não possui religião.

“Eu não acredito em religião não, mas acredito em Deus. (...) Eu acho que Deus já fez tudo o que ele tinha para fazer”.

LÍRIO: Acredita em Deus e diz que gostaria de frequentar uma igreja, mas está indeciso em relação a isto.

“Não tem nenhum dia que eu não saio de casa sem ler o salmo 40 na bíblia”.

MARGARIDA: Acredita em Deus.

“Deus é mais, Ele morreu por nós”.

7.2.6Relações

GIRASSOL: Tem um filho de 14 anos, porém há 3 anos não fala com ele. Tem irmãs e os pais são vivos, porém não mantém mais contato.

ROSA: Tem 2 filhos, um de 17 anos e um filho de 10 anos que mora com o ex-marido, hoje em dia casado com outra mulher. Não sabem onde ela mora e, portanto, não a visitam. Não gosta de ficar perto de outras pessoas na rua, mas gosta quando alguém vai conversar com ela.

“Às vezes eles tem atitude diferente da minha, prefiro não ficar perto”.

LÍRIO: Possui 9 irmãos e 5 filhos na Bahia, 4 com uma mulher e 1 com outra mulher, fala com eles toda semana por telefone e os visita de vez em quando. Não tem amigos na rua. Morou 11 anos com a última esposa. Gosta da amiga que mora no “Varjão” e ela já o ofereceu trabalho e moradia.

“Não quero ficar lá não porque fumo cigarro e eles são evangélicos, não ia dar muito certo, sabe?”.

Vai para a fazenda de um advogado, mas diz não considerá-los amigos.

“Nessa vida a gente não pode ter amigos porque olha só (mostra as cicatrizes das facadas que levou) o cara que fez isso comigo comia no meu prato e fez isso por causa de 1 cigarro que não dei pra ele, a partir disso não tenho mais amigo, tenho ‘camarada’, vejo depois vai cada um pra lá e acabou, acabou!”

MARGARIDA: De vez em quando vai para a casa da mãe. Afirma ter muitos colegas na rua.

“Quebramos o pau, mas depois fica tudo de boa. (...) Amigo é só Deus, o resto é colega”.

7.2.7 Drogas

GIRASSOL: Usava maconha e bebida alcoólica, mas parou há 19 anos.

“Já tem 19 anos que parei. Já usei maconha. Não uso mais porque isso não leva a lugar nenhum. Hoje o meu único vício é ler livros. Eu sou a ‘exceção da regra’, sou um morador de rua que não usa drogas”.

ROSA: Fuma cigarros.

LÍRIO: Fuma cigarros e usa bebida alcoólica todos os dias.

MARGARIDA: Usa crack.

CRAVO: Usa maconha, crack e bebida alcoólica.

8 DISCUSSÃO: VIVENCIANDO O COTIDIANO NA RUA

Durante os relatos da pesquisa, pode ser observado pelos sujeitos entrevistados, que mesmo estando em condição de situações de rua, cada um possui uma percepção diferente sobre o processo de vida na rua.

No discurso de GIRASSOL, percebemos que a rua é uma opção, pois é um lugar de liberdade, onde a sobrevivência é possível.

“Até teria como pagar um quarto de aluguel para guardar minhas coisas. Mas não quero. Não gosto da ideia de morar em uma casa, eu estou na rua por opção. É bom porque não preciso pagar imposto nem aluguel. Não devo nada a ninguém e ninguém pode me proibir de morar na rua. Não gosto de morar em casa porque as paredes me prendem, prefiro ser livre”.

No discurso de MARGARIA, percebemos que a rua é o lugar de acesso à droga, e seu cotidiano gira em torno desse fator, pois tudo o que é conseguido para meio de sobrevivência é destinado para o uso da droga, mesmo tendo família e uma casa para ir periodicamente.

No discurso de ROSA, percebemos que a rua é uma consequência daquilo que não foi bem sucedido no decorrer de sua trajetória, sendo um lugar onde não é possível encontrar nenhum tipo de consolo.

“Ter casa própria é ter uma vida. Não ter casa própria é não ter uma vida. Eu não tenho uma vida, eu tenho isso aqui que eu não gosto”.

“Se eu tivesse dinheiro não ficaria na rua. Iria comprar tudo o que eu tenho direito”.

LÍRIO também afirma que a rua foi uma consequência, pois ter passagem pela polícia e ser um ex-presidiário, dificulta as oportunidades de conseguir um emprego e parece ser inaceitável a reconstrução de um cotidiano dentro dos moldes da sociedade.

Sobre a dificuldade de viver na rua, cada sujeito relata uma questão diferente, pois cada um possui uma trajetória e uma história de vida distinta. A luta pela

sobrevivência, sendo ela rodeada por todas as atividades da vida diária relatadas anteriormente, tem seu aspecto e formas de vivenciar diferentes.

Uma das dificuldades relatadas que chamou atenção, foi sobre o preconceito. ARONSON (1999) define preconceito como uma atitude negativa sobre um determinado grupo baseada em generalizações deformadas, chamada de estereótipo. O preconceito e o estereótipo levam à discriminação, que podemos associar nesse contexto de vida na rua. A sociedade tende a enxergar todas as pessoas em situações de rua como seres marginalizados, mas é possível perceber que mesmo no contexto da droga, podemos encontrar pessoas nessa situação que não estão inseridas na criminalidade. ROSA relata:

“Todo dinheiro que ganho trabalhando aqui na rua e pedindo, eu compro meu crack, mas nunca roubei nada de ninguém pra isso”.

CRAVO também aponta o olhar distorcido da sociedade:

“Tem muitas pessoas que discriminam, veem a gente aqui dormindo e discrimina”. (...) Tem uma coisa na sociedade que acho errado sobre o que eles acha de ‘nóis’, mas não fazemos maldade com ninguém, cada um é cada um, vivemos nessa vida porque gostamos de viver, mas a sociedade não gosta de ver a gente desse jeito, não sei por quê, deve ser porque eles são barão, tem carro novo pra andar, tipo assim vai de ‘jetski’, pro lado de Serra da Mesa e ‘nóis’ não temos essa condição, aí eles ficam tirando a gente, mas fazer o quê né?”.

O preconceito relatado foi apontado por todos os sujeitos. O relato de GIRASSOL também chama atenção:

(Mostra um álbum de fotos que as pessoas tiraram dele. Antes de montar “sua casa” na bicicleta, juntava latinhas para vender. Tudo na bicicleta. Em uma das fotos, aparece contra um fluxo de carros em uma pista bem movimentada).

“Uma socióloga da UnB disse que nessa foto eu estou contra a sociedade, porque as pessoas com boas condições e com seus carros estão indo por uma direção e eu, morador de rua, com uma bicicleta e com minhas latinhas, estou em sentido contrário (...) Eu acho que ela tem razão. Infelizmente a sociedade olha o morador de rua assim mesmo, ao contrário”.

“Eu sofro muito preconceito. As pessoas passam longe, olham com medo. Dificilmente alguém se aproxima, e quando isso acontece elas mesmo me falam que tinham receio. Todo mundo acha que todo morador de rua é bandido, mas eu não sou. (...) Dói aqui (aponta pro coração) porque eu não faço mal pra ninguém”.

O conceito de felicidade foi outra percepção encontrada que se apresentou de formas distintas. FREUD (1930) afirma que felicidade se encontra entre a obtenção de prazeres intensos e na ausência de sofrimento. GIRASSOL e ROSA apresentaram dois discursos opostos entre si sobre esse conceito. GIRASSOL afirmou diversas vezes durante a conversa que mora na rua por opção. Seu conceito sobre felicidade e sua forma de vivenciar pode ser evidenciado na fala:

“Felicidade para mim é ser livre, não dever nada para ninguém, não fazer o mal e fazer aquilo que gosta. (...) Do meu jeito eu sou feliz sim. Tem gente que precisa de uma ‘Ferrari’ para ser feliz, mas eu não preciso. Eu sou feliz assim, do meu jeito e com o que tenho”.

ROSA já afirma:

“Meu plano do futuro era comprar minha casa, eu iria ser feliz desse jeito. (...) Ser feliz é você poder ir na rua, comprar uma roupa e se sentir bem”.

Podemos observar então, que são os diversos contextos que interferem no processo de vida na rua, e que mesmo a rua sendo um lugar comum dessa população, as histórias de vida são distintas, assim como a forma de vivenciar seu cotidiano. É também por esse motivo que nomeamos de situações e não apenas “situação” de rua.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as histórias de vida dos sujeitos envolvidos dá margem a uma série de interpretações, principalmente no que concerne aos sentidos da rua. Primeiro porque a rua está associada a um lugar de perigo, e outra é considerada como espaço de liberdade, lugar onde se constrói autoimagem e na qual eles desempenham papéis sociais. Nesse cenário dinâmico foi possível apreender o investimento diário em torno de um modo de existência, que permite a diversidade para novas chances de expressão, mesmo com estigma do substrato em suas atuações.

A rua não é somente um espaço físico, mas também um meio de sobrevivência e de construção de uma identidade, onde se concretizam histórias baseadas em relações, trabalho, lazer, moradia. Ou seja, a rua é um espaço onde também se constroem vidas. Por possuírem histórias e maneiras distintas de vivenciar essas situações de rua de forma singular, observamos que o cotidiano dessa população requer um olhar menos discriminatório porque e os estereótipos constroem barreiras para a compreensão da vida dessa população tão à margem da sociedade.

Ressalto aqui, a importância das várias profissões, inclusive a Terapia Ocupacional para aprofundar a discussão acerca da real condição das pessoas em situações de rua. Esse registro não implica dizer da necessidade de intervenção terapêutica, mas da necessária ruptura de uma compreensão que limita e que impede a produção de vida. É nesse cenário de contradições que a Terapia Ocupacional poderá contribuir na ressignificação de papéis e discussão sobre o cotidiano, de forma a vislumbrar outros sentidos na existência, de acordo com o contexto e singularidade de cada sujeito.

10 REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. M.; IRIART, J. A. B. Significados e práticas de saúde e doença entre a população em situação de rua em Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 1, p. 115-124, 2012.

ALMEIDA, M. C.; BARROS, D. D.; GALVANI, D.; REIS, T. A. M. Terapia Ocupacional e pessoas em situação de rua: criando oportunidades e tensionando fronteiras. **Cadernos de terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 19, n. 3, p. 351-360, 2011.

APPEL, M. La entrevista autobiográfica narrativa: fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes en México. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, v. 6, n.2, 2005.

ARONSON, E. Prejudice. In: **The social animal**. New York: Worth Publishers: Freeman and Company, p.304-363, 1999.

BENETTON, J. O encontro do sentido do cotidiano na Terapia Ocupacional para a construção de significados. **Revista Ceto**, v. 12, n. 12, 2010.

BOTTI, N. C. Prevalência de depressão entre homens adultos em situação de rua em Belo Horizonte. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 59, n. 1, p. 10, 2010.

BRANDÃO, A. M. **Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica**. Configurações, v.3, p.83-114, Portugal, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual sobre o cuidado à saúde junto a população em situação de rua**. Brasília : Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua. Sumário Executivo**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2008.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Perguntas e Respostas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – CENTRO POP**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2011.

BRETON, D. L. **Do Silêncio**. Lisboa: Epistemologia e Sociedade. Instituto Piaget, 1999.

CASTELVECCHI, G. **Quantas vidas eu tivesse, tantas vidas eu daria!** São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CERTEAU, M. D. **A invenção do cotidiano**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHARTIER, A. M.; HÉBRARD, J. A invenção do cotidiano: uma leitura, usos. **Projeto História**, São Paulo, v. 17, 1998.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNEGATTO, T. Etnografia da Rua da Praia: Um estudo antropológico sobre cotidiano, memória e formas de sociabilidade no centro urbano porto-alegrense. **Programa de pós-graduação em antropologia social**. UFRGS – Instituto de filosofia e ciências humanas. Porto Alegre, 2009.

DE CARLO, M. M.; BARTALOTTI, C.C. Terapia Ocupacional no Brasil, fundamentos e perspectivas. São Paulo: **Plexos**, 2001.

FILHO, A. de S. Micheu de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano. **Sociabilidades**, São Paulo, v.2, p.129-134, 2002.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2004.

FOTI, D. Atividades da Vida Diária. In: PEDRETTI, L. W.; EARLY, M. B. **Terapia Ocupacional, Capacidades Práticas para as Disfunções Físicas**. 5ª ed. São Paulo: ROCA, 2005.

FRANGELLA, S. M. **Corpos Urbanos Errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo**. São Paulo: Anablume, Fapesp, 2010.

FREUD, S. **O mal-estar na cultura** - Das Unbehagen in der Kultur. Le malaise dans la culture. Trad. Pierre Cotet; René Lainé; Johanna Stute-Cadiot. Paris: Quadrige, 1995, p. 2.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na Terapia Ocupacional: Cultura, subjetividade e contexto histórico social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.

- GERMANO, I. M. P. **Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schutze em Psicologia Social**. Arquivos Brasileiros de Psicologia. 2004.
- GOFFMAN, E. **Estigma, notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1963.
- JABUR, P. A. C. Situações de rua: histórias de vida, vínculos e sociabilidade. **Chamada Universal - MCTI/CNPq N. 14/2013**, Brasília, 2013.
- JUNIOR, N. C.; JESUS, C. H.; CREVELIM, M. A. A estratégia saúde da família para a equidade de acesso dirigida à população em situação de rua em grandes centros urbanos. **Saúde e Sociedade**, v. 19, n.3, p. 709-716, 2010.
- KOFES, S. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos Pagu**, v.3, p.117-141, Colômbia, 1994.
- LACOMBE, M. S. M. Os fundamentos marxistas de uma sociologia do cotidiano. ST 22 – **Marxismo e as Ciências Sociais**. 31 encontro anual da ANPOCS, 2008.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- LEITE, R. P. A inversão do cotidiano: Práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **Dados**, v. 5, n. 3, p. 737-756, 2010.
- LEVIGARD, Y. E.; BARBOSA, R. M. Incertezas e cotidiano: uma breve reflexão. **Arquivos Brasileiros de psicologia**, v. 62, n.1, 2010.
- LIMA, E. M. F. A.; OKUMA, D. G.; PASTORE, M. D. N. Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 21, n. 2, p. 243-254, 2013.
- MACHADO, R. H. B. **Vozes e silêncios de meninos de rua**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARTINS, J. S. O senso comum e a vida cotidiana. Tempo Social. **Revista de Sociologia da USP**, v. 10, n.1, p. 1-8, 1998.
- MATTOS, R. M.; FERREIRA, R. F. Quem vocês pensam que (elas) são? – Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia e Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 47-58, 2004.
- MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Manual sobre o cuidado à saúde junto a população em situação de rua.** Governo Federal, Brasília – DF, 2012.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (MDS). **Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua. Sumário Executivo.** Governo Federal, Brasília – DF, 2008.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (MDS); SECRETARIA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Perguntas e Respostas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – CENTRO POP.** SUAS e População em Situação de Rua, Brasília, v.2, 2011.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia de pesquisa para o professor pesquisador.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NASSER, A. C. **Sair para o mundo: trabalho, família e lazer na vida dos excluídos.** São Paulo: Hucitec, Fafesp, 2001.

PAIS, J. M. **Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas.** 2. ed. Lisboa: Ambar, 2006.

PAIS, J. M. **Sociologia da vida cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso.** 3. ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

ROSA, A. S.; CAVICCHIOLI, M. G. C.; BRÊTAS, C. P. O processo saúde-doença-cuidado e a população em situação de rua. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, v. 13, n. 4, p. 576-582, 2005.

SAS/FIPE. SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Assistência Social; Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. **Censo dos moradores de rua da cidade de São Paulo: relatório executivo.** São Paulo, 2000.

SALLES, M. M.; MATSUKURA, T. S. Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v.21, n. 2, p. 265-273, 2013.

SILVA, M. O. L.; OLIVEIRA, S. S.; PEREIRA, V. A.; LIMA, M. G. S. B. L. Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação. **PC PDF**, Piauí, 2010. Disponível em

<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/pppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_15.pdf> Acesso em 18 nov. 2013.

SILVA, S. P. **Sem-abrigo: métodos de produção de narrativas biográficas.** Sísifo. Revista de Ciências da Educação, v. 2, p. 69-82, Lisboa, 2007.

SIMMEL, G. **A Metrópole a Vida Mental.** In: VELHO, O. (org). **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro, E. Jorge Zahar, 1967.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

STECANELA, N. O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. **Conjectura**, v.14, n.1, p.63-75, 2009.

VARANDA, W.; ADORNO, R. C. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 1, p. 56-69, 2004.

WELLER, V. Notas do Curso “Entrevista narrativa”. II CIPA – **Congresso Internacional sobre Pesquisa (auto)Biográfica.** Natal, 2008.

APÊNDICE A: Entrevista Semiestruturada

1. Quais são as atividades que você realiza no seu dia-a-dia?
2. Como você organiza sua rotina na rua baseando-se nessas atividades que me descreveu? (como faz para dormir, para comer, para a higiene pessoal, etc.)
3. Como você vivencia seu processo na rua (o que acha de morar na rua)?

APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “O cotidiano da pessoa em situação de rua do Distrito Federal”, de responsabilidade de Pedro de Andrade Calil Jabur, professor adjunto da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é a partir de entrevistas, escutá-lo (a) sobre sua trajetória de vida a partir de algumas questões que serão colocadas. Assim, gostaria de consultá-lo (a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de gravação de voz e fotos. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa a população em situação de rua possa ser melhor compreendida e a pesquisa possa auxiliar na construção de novos canais de comunicação dessa população.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61-81800477 pelo e-mail pedrojabor@gmail.com

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de visita posterior e entrega de relatório das entrevistas, para posterior conferência, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH cep_ih@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador

Brasília, ____ de _____ de _____

ANEXO



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA - CEP/FS-UNB

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vinculações: Trajetórias e biografias entre indivíduos em situação de rua.

Pesquisador: Pedro de Andrade Calil Jabur

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 15755913.7.0000.0030

Instituição Proponente: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS EM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 330.731

Data da Relatoria: 03/07/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de Projeto de Iniciação Científica, orientado pelo Prof. Dr. Pedro de Andrade Calil Jabur.

Participação de sua equipe, além do próprio pesquisador, um professor e oito alunos de graduação.

Hipótese: As diversas rupturas vividas por esse sujeito (tanto de forma ativa, como passiva, consciente e inconsciente) aparecerá em seu próprio discurso: em seus fragmentos de vida e vida em fragmentos.

Objetivo da Pesquisa:

Apresentado no parecer No.305250.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresentado no parecer No.305250.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentado nos pareceres No.305250 e No. 320830.

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1947 **Fax:** (61)3307-3799 **E-mail:** cepfs@unb.br



Continuação do Parecer: 330.731

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências apontadas foram atendidas pelo pesquisador.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

BRASILIA, 10 de Julho de 2013

Assinador por:
Natan Monsores de Sá
(Coordenador)

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1947 **Fax:** (61)3307-3799 **E-mail:** cepfs@unb.br